



**Corrente Proletária
ESTUDANTIL**



CONHEÇA NOSSO
PROGRAMA E
MILITE NO POR



nº 2 de 2023 – 22 de setembro de 2023

[massas.por](#) | [anchor.fm/por-massas](#) | [pormassas.org](#) | (11) 95446-2020

GREVE NA USP

Responder à política privatista com a convocação de uma Assembleia Geral Universitária

A greve que começou na FFLCH se espalhou rapidamente pela universidade, já são dezenas de cursos em greve, outros em paralisação e alguns com mobilização e assembleias marcadas. Destaque para diversos cursos como os da EACH, IF etc., que realizaram piquete para garantir a paralisação. Os trabalhadores da FFLCH realizaram paralisação e os docentes, em assembleia setorial, decidiram pelo apoio às reivindicações dos estudantes e paralisação até o dia 26. Diversas mídias já noticiaram o movimento que tem como reivindicações principais a contratação de professores e a permanência estudantil. A primeira reação da direção da FFLCH foi autoritária, com uso da PM e da Guarda Universitária, o que fez os estudantes incluírem o combate à repressão em suas reivindicações.

A greve se encontra no seu primeiro momento de ascenso, trata-se agora de encontrar as raízes dos problemas enfrentados na universidade e responder de forma coletiva e organizada, massificando ainda mais essa luta e mantendo atenção às possíveis manobras da reitoria, como à da reunião do dia 21, que não passou de um protocolo para dissuadir o movimento.

A reivindicação de contratação de professores é completamente justa. Desde 2014, a USP já perdeu 17,5% do quadro de docentes efetivos, alguns cursos chegam a 30%, como nos casos da Faculdade de Saúde Pública (FSP) e da Faculdade de Economia, Administração, Contabilidade e Atuária (FEA). Faculdades, como a ECA e a FFLCH, perderam cerca de 20% dos docentes nos últimos 9 anos. Não existe nenhum plano de reposição desse quadro por parte da reitoria. Soma-se a isso o processo de precarização do trabalho dos professores, com a dilapidação do Regime de Dedicção Integral à Docência e à Pesquisa (RDIDP) e adoção da política de contratação de docentes temporários, que recebem o equivalente a um salário mínimo, para dar aulas nos cursos de graduação.

O problema da permanência não é menos grave. Mudanças nos programas de assistência estudantil têm deixado centenas de estudantes de fora, sem condições de permanecer na universidade. As bolsas não sobem de acordo com o aumento do custo de vida. Não existe ampliação das vagas de moradia, pelo contrário, prédios do CRUSP são fechados, para supostas reformas, sem a manutenção das vagas. Os RUs estão cada vez mais precarizados. A terceirização avança a passos largos em diversos setores da universidade, prejudicando os serviços aos estudantes e trabalhadores, além de ampliar cada vez mais o número de trabalhadores em situação de completa precarização e instabilidade, com salários rebaixados, sem terem sequer direito ao BUSP.

De conjunto, essa situação expressa o avanço da privatização da universidade, um interesse antigo da oligarquia paulista, que sempre encontrou canal de expressão nos diversos governos do

PSDB, e agora no governo do bolsonarista e privatista de Tarcísio de Freitas, que, como se sabe, vem avançando na privatização da SABESP, do transporte sobre trilhos e do Porto de Santos.

O fato da maior parte das pesquisas que saem da universidade não servir de melhora para a vida das massas, pelo contrário, serve à ampliação do lucro de diversos setores do capital, não parece ser suficiente para a sanha dos capitalistas. Querem que a USP seja ainda mais elitista e que possa servir ainda mais aos interesses de grupos econômicos. Como não podem privatizar a universidade diretamente, fazem uma abordagem em diversas frentes de entrega da universidade pública para o setor privado. Através dos cursos pagos, das inúmeras fundações, das parcerias e consultorias privadas, como a recentemente contratada McKinsey & Company, e através da terceirização de diversos serviços, pela entrega de instituições, como no caso do Hospital de Reabilitação de Anomalias Craniofaciais de Bauru (HRAC), que foi entregue ao governo do estado e, agora, está sendo gerido por uma fundação privada, mas principalmente pela precarização generalizada e falta de contratação de trabalhadores docentes e de outros setores, com complementar crescimento do Ensino à Distância. Essas são algumas das muitas formas que o reitorado, aliado aos governos privatistas, vai destruindo a universidade pública. O fato da USP ter recentemente saído no topo de um ranking das melhores universidade da América Latina não está em contradição com essa destruição, afinal a massa de recursos que são repassados à USP é destinada principalmente para um reduzido número de pesquisas de ponta, que cumprem, por um lado, o papel propagandístico para o governo e, por outro, garante grandes lucros para as empresas que se apropriam dessas pesquisas.

É diante desse quadro de ataques e da paralisia do movimento estudantil nos últimos anos, que o movimento ressurgiu com muita força, mobilizando até cursos que tradicionalmente não entram em greve. A tarefa agora é garantir uma unidade de fato dos três setores da universidade para combater a política privatista de conjunto. Só assim esse movimento vai trilhar o caminho da vitória. Está colocada a necessidade de uma Assembleia Geral Universitária dos três setores, estudantes, docentes e funcionários. É preciso constituir um comitê unitário subordinado às decisões da Assembleia Universitária. Essa é a resposta que vai conduzir à luta por uma real autonomia universitária, só possível com o fim do reitorado e construção de um governo tripartite.

A primeira resposta da direção da FFLCH e da reitoria ao movimento foi a repressão, o que fez com que o movimento se ampliasse. Agora, deve passar ao desgaste e às manobras. Reuniões canceladas ou sem nenhuma proposta, agenda de negociação distante, promessas e até falsos compromissos de mais contratação etc. A isso o movimento deve responder com o combate à política privatista de conjunto, o que inclui o fim do EaD na universidade, fim das terceirizações, fim dos cursos pagos, fim das fundações etc.

A Corrente Proletária Estudantil/POR trabalha pela vitória do movimento com o pleno atendimento de suas reivindicações. E defende que a mobilização permaneça firme, que se fortaleça e se amplie, com os métodos de luta de ação direta coletiva.

Por uma Assembleia Geral Universitária dos três setores!

Constituir um comitê de greve tripartite!

Pela firme e decidida unidade estudantes, funcionários e professores!

Pela total independência diante da burocracia universitária e do Reitor!

Que essa mobilização seja o ponto de partida por uma mobilização geral contra as privatizações!